



A CONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NO ESTADO DO CEARÁ: ENTREVISTA-HOMENAGEM COM VERIANA COLAÇO

*THE CONSTRUCTION OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY IN CEARÁ STATE:
AN INTERVIEW-TRIBUTE WITH VERIANA COLAÇO*

Luciana Lobo Miranda¹
Aluísio Ferreira de Lima²
José Alves de Souza Filho³
Tadeu Lucas de Lavor Filho⁴

Nascida em Campina Grande- Paraíba, Veriana de Fátima Rodrigues Colaço graduou-se em Psicologia em 1978 pela Universidade Federal de Pernambuco (1978), mas ainda nos anos 1980 se muda para Fortaleza, onde atuou como Psicóloga na antiga FEBEM e fez mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Em 1992 passa no concurso e entra para o Departamento de Psicologia da UFC. Conclui seu doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2001 e realiza pós-doutorado em Psicologia Educacional pela Universidade de Barcelona em 2008. No ano de 2003, após seu retorno do doutorado, ajuda na criação do mestrado em Psicologia na UFC. Em 2015, também esteve a frente para inserção do Doutorado no mesmo Programa. Professora permanente da linha Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais do PPG-Psicologia, também colabora com o PPG em Educação na mesma Universidade.

Em quase 27 anos de UFC, Veriana liderou projetos importantes como o “Casadinho”, parceria entre o PPG-Psicologia da UFRGS e da UFC, onde trouxe para Fortaleza entre 2009 e 2011 a pesquisa nacional, “Juventude Brasileira: comportamentos de risco, fatores de risco e proteção” (COLAÇO e CORDEIRO, 2013), e em 2017 presidiu o VII Simpósio sobre Juventude Brasileira - VII JUBRA (COLAÇO, GERMANO, MIRANDA, BARROS, 2019). Em ambos Veriana atraiu coletivos de docentes e discentes de graduação e pós-graduação, nas mais diversas abordagens e linhas de pesquisa. Em 2017 Veriana torna-se professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Aposentada desde 2018, continua contribuindo com a Pós-Graduação. No mesmo ano recebeu em Brasília a homenagem do Conselho Nacional de Psicologia: 56 Anos de Psicologia no Brasil: reconhecendo histórias, valorizando contribuições.

¹ Doutora em Psicologia pela PUC-RJ, estágio doutoral na Paris 8, França; estágio pós-doutoral na City University of New York, EUA. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade (LAPSUS). E-mail: lobo.lu@uol.com.br. <http://orcid.org/0000-0001-9747-4701>

² Psicólogo com Pós-Doutorado, Doutorado e Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Especialista em Saúde Mental pela Universidade de São Paulo (EEUSP). Professor do Departamento de Psicologia da UFC, Fortaleza – CE, Brasil. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: aluisiolima@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0002-7838-8098>

³ Doutorando (CAPES), Mestre (CAPES) e Graduado (CNPQ) em Psicologia pela UFC. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Cruzeiro do Sul. Pesquisador do PARALAXE: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica e colaborador do LAPSUS. Brasil. E-mail: josefilhoss@gmail.com <http://orcid.org/0000-0001-8059-9196>

⁴ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Especialista em Docência do Ensino Superior e Tutoria de Educação à Distância pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais. Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, Brasil. Membro do LAPSUS. Bolsista FUNCAP-CE. Brasil. E-mail: tadeulucaslf@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-2687-1894>

Ao longo de sua vida acadêmica Veriana foi coordenadora da graduação e da pós-graduação, além de tutora do PET-Psicologia. É ainda membro do Núcleo Cearense de Estudo e Pesquisa sobre a Criança - NUCEPEC/UFC e membro do Grupo de Pesquisa Ludicidade, Discurso e Identidade nas Práticas Educativas - LUDICE/FACED/UFC. Em sua trajetória desenvolveu estudos e pesquisas nas áreas de Psicologia Educacional e do Desenvolvimento, com base na Psicologia Histórico-cultural, investigando principalmente os temas: construção compartilhada de conhecimento, processos de mediação simbólica, interações sociais, violência, racismo e vulnerabilidades sociais na infância e juventude.

Na manhã do dia primeiro de novembro de 2019 nos encontramos no gabinete de Veriana Colaço. O desafio era entrevistar àquela pela qual todos nós nutrimos uma profunda admiração. Como, em aproximadamente uma hora de entrevista, fazer jus à sua trajetória, marcada pela dedicação à docência, à pesquisa, à extensão, à Psicologia Histórico-cultural, aos direitos das crianças e adolescentes? Como buscar em seu relato pistas de seu modo de ser onde transborda a ética, o cuidado com o outro, a generosidade, mas também é marcado pela discrição quase tímida, pela modéstia, que, na contramão da espetacularização do eu (SIBILIA, 2008), não a deixa alardear seus feitos acadêmicos?

Assim, após troca de e-mails, mensagens e conversas off-line entre nós, quatro autores, sobre de como construir o diálogo com Veriana - quebrando o caráter de inquérito, mas se deixando banhar pelo signo da curiosidade e da admiração - fomos construindo um corpo de perguntas, como tópicos fluídos de um caleidoscópio das suas inúmeras facetas. Apesar de encontros e trajetórias acadêmicas e de vida distintas com Veriana, temos algo comum: somos todos #fasincondicionaisdeverianacolaço ! No roteiro elaborado pós nós onde reunimos nossas curiosidades e criamos uma entrevista-homenagem em que tivemos o privilégio de ouvir Veri, como é carinhosamente chamada, falando sobre sua trajetória acadêmica, onde vida e obra se confundem, numa existência dedicada ao curso de Psicologia da UFC. Se na manhã de sexta feira estiveram *in loco* apenas Aluísio e Luciana, por sua vez, Tadeu e José, com ajuda da mediação tecnológica do gravador, tiveram acesso à conversa com Veriana, transcrevendo-a.

Os principais trechos da entrevista com Veriana Colaço são apresentados a seguir. Somos muito gratos a você Veri!

Luciana (L): Para as pessoas que conviveram e convivem com você é unânime tê-la como referência nos estudos e pesquisas de matriz teórica da Psicologia Histórico-Cultural. Quem é a psicóloga Veriana Colaço?"

Veriana (V): Bom, primeiro, essa matriz histórico-cultural, eu não segui sempre. Porque na época em que eu fiz faculdade estávamos vivendo a ditadura no país e a gente nem ouvia falar nesses autores. A formação em Recife era muito ou Psicanálise ou Humanismo. Eu fiz estágio no hospital Pedro II com Zaldo Rocha que era uma pessoa de referência lá, e mais duas psicólogas, trabalhando com a referência da psicanálise. Então, fiz formação, ou melhor fiz análise. Quando eu me formei, passei um ano em Recife, por que eu me formei na Federal do Pernambuco. Vim para o Ceará depois, porque fiz o concurso na Fundação Estadual do Bem Estar do Menor do Ceará (FEBEMCE), que na época era o órgão responsável pela execução da Política Nacional do Bem Estar do Menor. Naquele período, existiam poucos psicólogos aqui e a FEBEMCE era o primeiro concurso que estava admitindo psicólogo. As psicólogas que entraram, que só foram mulheres, começaram a implantar esse serviço. E tive que montar o Serviço de Psicologia em uma das unidades, cada psicóloga ficou em uma delas. Quando eu cheguei na FEBEMCE e me deparei com aquela situação eu não tinha elementos para lidar com aquilo. Era uma realidade que eu não tinha vivido, que eu não conhecia. Deparei-me com a situação da miséria e a questão da exclusão social. Então pensar a construção social do

desenvolvimento foi uma coisa que me veio com a prática, a partir da minha experiência prática. E realmente foi muito difícil, mas eu fui aprendendo na prática. Eu até fiz uma formação em psicodrama, porque capacitava para trabalhar com grupos, mas até então eu não tinha nenhum contato com a Psicologia Histórico-Cultural. Em 1986 fui contratada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), após a aprovação na seleção como professora. Então articulava o trabalho na FEBEMCE e com o trabalho na UNIFOR. Na UNIFOR me deparei com a necessidade de fazer o mestrado e quando entrei no mestrado minha orientadora foi a professora Suzana Gimenez. Foi ela que me apresentou o Vygotsky.

L: Onde você cursou o mestrado?

V: Na Faculdade de Educação da UFC. Entrei no mestrado e a professora Suzana Gimenez me apresentou o Vygotsky. Eu não tinha nenhuma leitura dele, mas comecei a ler e identificar nos escritos muito das questões que tinham relação com a realidade que eu vivia, tinha relação com as discussões que ele fazia. Foi a partir daí que passei a trabalhar com a Psicologia histórico-cultural. Na FEBEMCE o juiz definia o destino desses meninos seguindo o código de menores, ou seja, a partir de um laudo que incluía um parecer da Psicologia, um parecer das assistentes sociais e outro da pedagogia. O juiz consultava o laudo e definia o destino dos jovens. E eu tinha uma preocupação grande com essa avaliação, porque aplicava os testes e os resultados eram sempre baixos. Por outro lado, percebia a capacidade dos meninos, inclusive, nas fugas. Que eram extremamente planejadas, bem articuladas. Então, pensava: como era possível que esses meninos tivessem problemas cognitivos se faziam essas articulações? Minha dissertação de mestrado foi justamente procurando compreender essa questão. Foi o momento onde comecei a pesquisa com os adolescentes, analisando justamente o pensamento formal. Trabalhei muito com o Piaget, com os estágios piagetianos, pois era o que tínhamos acesso e com o que eu trabalhava na época. Na década de oitenta também havia uma grande tensão e disputa entre o Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva de Pernambuco, com o grupo da Ana Lucia Schliemann e a Terezinha Nunes Carraher e o pessoal de São Paulo, da Universidade de São Paulo, com a Zelia Quiarotino. E eu fazia parte do grupo de Pernambuco. Existia esse embate. Inclusive, existia uma revista onde publicavam essa discussão. A ideia do grupo de São Paulo era de que os adolescentes das favelas não chegavam ao estágio operatório formal, não atingiam isso.

L: Isso o pessoal de São Paulo?

V: O pessoal de São Paulo. Inclusive tem um livro da Barbara Freitag, *Sociedade e Consciência* (Freitag, 1986), que é uma pesquisa dela sobre isso na época. O grupo de Pernambuco advogava que os jovens tinham um pensamento diferente, que a teoria não dava conta. Há inclusive o livro: *Na vida dez, na escola zero* (Carraher; Carraher; Schliemann, 1991). Então era isso que estava estudando e convivendo. Meu interesse foi justamente analisar como era que esses meninos pensavam, como eles chegavam ao pensamento operatório formal. Além da Susana, a Ana Lucia Schliemann foi minha co-orientadora na época. Foi fundamental a participação dela. Por que a Susana dizia: "O que se refere ao marxismo e as ideias mais gerais de Vygotsky eu entendo, mas o que é mais específico da Psicologia eu não entendo". A partir de então passei a estudar a Psicologia Histórico-cultural e a articular esses estudos com as discussões dos piagetianos. Trabalhava tanto a Epistemologia Genética do Piaget como a Psicologia Histórico-cultural.

L: Então foi nesse contexto que o Vygotsky entrou na sua vida?

V: Exatamente. Foi a partir dessa dissertação que comecei a estudar.

L: E seu doutorado, como foi?

V: O doutorado aconteceu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre 1997 e 2001, quando comecei a pensar a avaliação de maneira interativa. Como fazer uma avaliação psicológica com interação? Esse foi meu projeto de doutorado. Mas o que aconteceu? No exame de qualificação, que já era na metade do doutorado, a banca simplesmente derrubou tudo. Eu simplesmente tive que fazer outra pesquisa.

L: Por quê?

V: Por que colocaram que não era possível articular Piaget e Vygotsky. Eu tinha que optar. Eu tinha que fazer uma escolha. Porque se continuasse a caminhar com os dois autores não daria conta de realmente aprofundar e definir.

Aluisio (A): Quem era seu orientador?

V: Hugo Bayer, que faleceu naquele acidente aéreo da Gol. Pois é, foi principalmente o Carlos Skliar, que era da educação inclusiva, que tinha uma visão bem vygostkiana e estava se aproximando de uma visão mais foucaultiana dos estudos culturais e a Margareth Shaferr que também trabalhava com estudos culturais. Eles faziam parte da banca e simplesmente fizeram um ultimato: esqueça Piaget, defina o que você quer e, se você for trabalhar Vygotsky, esqueça a parte da avaliação. Assim, tive que refazer, passar para outra área que foi justamente a interações entre as crianças dentro da sala de aula. E a partir desse momento realmente passei a me dedicar à Psicologia Histórico-Cultural.

A: Entre a sua graduação e o doutorado vivemos um período de reorganização da Psicologia Social brasileira, da Psicologia Social Latino-Americana, isso em meio as tensões do regime civil militar. Como foi viver isso?

V: Pelo menos na minha graduação, o que estudei de Psicologia Social foi aquela Psicologia dos grupos, aqueles conceitos de cooperação, competição, liderança. Eram essas questões que podiam ser trabalhadas. Inclusive tinham os experimentos grupal sobre pressão grupal, que inclusive eu participei de um deles. A Psicologia Social de matriz norte-americana, onde Haroldo Rodrigues era o autor principal. Foi exatamente quando eu estava no mestrado e quando eu comecei a ler para fazer a seleção para a UNIFOR que comecei a abrir um pouco para uma outra Psicologia Social. Foi quando comecei a ler algumas coisas da Silvia Lane.

A: Foi quando você começou também a entrar em contato com o Vygotsky, mais ou menos nesse período então.

V: Exato. Nos anos 80, quando vivemos a abertura democrática, por que no período da ditadura não tínhamos acesso a essas leituras. Não tinha nem introdução, não tinha acesso mesmo. Talvez quem pudesse ler na língua original, quem estivesse nas regiões Sul e Sudeste tivesse algum acesso. Mas aqui, no Nordeste, não tínhamos contato nenhum com algo mais crítico. Nas bibliotecas não tinha.

A: E como você entende a contribuição da Psicologia Histórico-Cultural para essa guinada na forma de pensar e fazer da Psicologia Social?

V: Eu vejo assim: aqui no Ceará tivemos uma contribuição muito importante do Cezar Wagner Góis, que desenvolveu uma Psicologia Comunitária nordestina e brasileira. Penso que ele foi uma influencia muito grande e que realmente trouxe um novo olhar para a Psicologia que era bastante elitista. A visão predominante era realmente de psicólogo clínico, de consultório etc., ele inaugurou essa possibilidade de chegar nas comunidades.

L: Falando de Vygotsky e Luria. Eu fui tanto aluna sua na graduação, quanto do Cezar. Eu lembro que foi a primeira vez que tinha ouvido falar do Luria...

V: No curso de Psicologia da UFC foi o Cezar que introduziu Vygotsky. Quando me tornei professora do Departamento havia estudos que ele desenvolvia sobre Vygotsky a partir da Psicologia Comunitária e da Biodança. Eu penso que ele foi uma grande referência para o curso, para muitos, inclusive para mim também. Embora nunca tenha participado do Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM) sempre tive uma interação com ele.

L: E como é que você compreende a contribuição da Psicologia Histórico-Cultural na construção de uma Psicologia Social mais criticamente orientada?

V: Penso que a compreensão que Vygotsky traz, de que a construção subjetiva se dá a partir das interações, no modo com interagimos uns com os outros; a visão de que o processo de desenvolvimento é um processo fundamentalmente social; o eixo central da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural é de que a gente não é influenciado pela cultura, mas que nós somos constituídos culturalmente; ou seja, a cultura não está fora de nós, mas nos constitui, oferece uma outra perspectiva para a Psicologia Social pensar. A ideia de um processo histórico, de um processo dialético e a construção subjetiva a partir desse processo, é uma contribuição importante para a Psicologia Social. Penso, ainda, que o Vygotsky oferece uma ótima contribuição porque ele pensa que é no social que a gente se constitui. Não é uma visão individual, como acontece com a visão do Piaget, onde a questão do desenvolvimento é um problema interno. O Vygotsky nos dá outra direção. Então penso que isso tem um peso.

L: Você tem 27 anos de docência na UFC e boa parte dos alunos conhecem você como “Tia Veri”. Certamente, após tanto tempo na universidade, você tem alunos de graduação espalhados por todo o Brasil. Como a Tia Veri percebe essa divulgação e construção da Psicologia Histórico-Cultural pelo país.

V: Para mim é muito bom ter a convivência com os que foram meus orientandos, por exemplo o João Paulo Barros (professor do Departamento de Psicologia da UFC). Eu tenho o maior orgulho de ter contribuído. De ele ser o que é hoje e me superar, que eu acho que ele me supera em termos da competência. Então, fico muito feliz e orgulhosa quando eu vejo os caminhos trilhados por meus alunos. Os ex-orientandos têm suas trajetórias autônomas, se aperfeiçoam, se desenvolvem e vão para além de nós. É algo que todos nós, como professores, sentimos. O que a gente quer é isso, esse é o sentido de ser docente.

L: Me parece que a questão que você coloca se refere a uma influência, que independe se seus ex-alunos seguiram ou não a perspectiva histórico-cultural, como é o caso do próprio João Paulo. Sua marca tem uma relação direta como o modo como você vê a docência. Eu acho que você tem esse legado com seus alunos.

A: Você expressa uma paixão pela docência.

V: Eu sempre gostei. É uma coisa que mesmo quando eu não estava ensinando ainda, na UNIFOR e aqui, eu tinha essa ideia. E eu sempre fiz monitoria, adorava monitoria. Quando eu terminei a graduação fiz concurso em Recife. Era muito difícil. Cheguei até a passar, mas não fiquei nos primeiros lugares. Eu trabalhei com a clínica logo que eu cheguei em Fortaleza, mas não era e não é uma área que me encanta, que me interessa. O que me interessa realmente é área educacional, é esse campo.

A: E como você definiria a sua construção enquanto docente.

V: Penso que vamos apreendendo. Por exemplo, quando fiz a monitoria, foi uma experiência que me transformou. Eu era muito tímida, mal falava na sala de aula. Era bem estudiosa, mas não falava nada. Quando eu

tive que dar aula, eu tive que realmente mudar, eu tive que falar. Não foi fácil, mas fui aprendendo a partir da convivência com os meus colegas. A partir daí fui me constituindo como docente, como professora. Comecei a gostar disso justamente por essa troca. Eu acho que é o espaço onde a gente mais aprende, por que o tempo inteiro você está em diálogo, discutindo. São outras cabeças, outros pensamentos que levam ao diálogo, que trazem desafios para você. Penso que a docência é um espaço de construção do conhecimento privilegiado que nós temos.

L: Na docência parece que sempre estamos começando...

V: Exatamente, cada semestre (re)começando. É preciso começar tudo novamente. Começar partindo da reflexão, inclusive, das críticas que recebeu. Então penso que é uma profissão privilegiada nesse sentido.

A: Em sua carreira como professora do Departamento de Psicologia você foi uma das responsáveis, uma das inspiradoras da proposição do mestrado, ou melhor do nosso Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Conta um pouco como foi esse processo.

V: Foi um trabalho importante, principalmente porque primeiro vivemos um movimento de qualificação dos professores do Departamento de Psicologia. Tínhamos praticamente professores graduados, com especialização e poucos mestres. Durante o governo Collor, muitas pessoas se aposentaram. E houve uma renovação. Eu entrei na UFC em 1992, um ano com diversos concursos. Então ocorreu uma grande renovação no curso de Psicologia, que havia sido inaugurado em 1974. O Departamento tinha um curso de Psicologia com mais de 20 anos e não tinha uma pós-graduação, apenas algumas especializações. E não tinha por quê? Porque os professores não tinham doutorado. As únicas professoras que tinham esse nível na época eram Ana Lage e Gercilene Campos, que foram as primeiras a ter doutorado. Então fizemos um movimento no departamento, o colegiado se organizou para possibilitar a saída para a qualificação dos professores em nível de doutorado. Foi um período que tivemos muitos professores substitutos. Ocorreu um grande desfalque no departamento, mas que era imprescindível. Os professores saíram para o doutorado e aos poucos foram retornando, eu voltei em 2001, o Célio Freire e a Fátima Severiano voltaram antes. E eles voltaram nessa perspectiva de construir um Programa de Pós-Graduação. Quando retornei o movimento já havia sido iniciado e embarquei nele. O Célio deu o pontapé inicial, organizando uma comissão e, a partir dessa, as coisas foram se estruturando. Na ocasião de implementação do doutorado, eu estava na coordenação. Nessa época tinha que estar com a mão na massa, implicada mais diretamente. Eu penso que foram dois momentos em que tivemos uma colaboração muita boa de todos os professores, do colegiado. Existiu uma colaboração coletiva tanto na criação do mestrado quanto na criação do doutorado, foi uma coisa que a gente fez coletivamente.

L: Veri, eu tenho lembrança de dois momentos marcantes da pós-graduação em Psicologia da UFC que você liderou: uma delas foi a pesquisa do Edital Casadinho, entre 2009-2011, que era uma pesquisa que estávamos com tutela do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Rio Grande do Sul (UFRGS) e você liderou e foi responsável pela articulação entre o Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança e o Adolescente (NUCEPEC), o Laboratório em Psicologia Ambiental (LOCUS) e Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS). A outra lembrança é mais recentemente, em 2017 você liderou o VII Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira (VII JUBRA), trazendo-o para Fortaleza, para a UFC. Foram duas ocasiões onde a liderança foi essencial para o sucesso, queria que falasse um pouco sobre como foram essas experiências.

V: Até escrevi no meu memorial sobre isso. Eu não tinha ideia dessa competência que tinha. Pensava que não sabia lidar com grupo dessa forma. Sabia lidar com pequenos grupos. Mas liderar um grupo de professores e colegas eu não tinha essa experiência. Esses dois momentos, onde me vi conseguindo fazer isso, foram muito importantes. O

“Casadinho” acredito que conseguimos escapar de ficar somente na tutela do Programa de Pós-Graduação da UFRGS. Fizemos efetivamente a pesquisa, a ponto de até indicar a necessidade de fazer modificações no questionário aplicado na pesquisa nacional, e isso foi resultado de uma construção coletiva. A integração dos núcleos possibilitou isso, o fato de estarmos realmente trabalhando junto. Com o JUBRA ocorreu do mesmo modo. Primeiro fiquei em pânico, embora você [Referindo-se a Luciana] estivesse junto, mas tinha um projeto de pós-doutorado que estava previsto na mesma época... Mas assim, o fato de poder contar com várias pessoas que também eram lideranças, engajadas e comprometidas, possibilitou um ótimo evento. De fato, eu assumi a coordenação geral, mas essa coordenação foi participativa. Não foi uma coisa só minha. O mais importante foi o trabalho coletivo e a possibilidade de integrarmos os diferentes núcleos e laboratórios que temos aqui. Tinha muita separação e segregação. Cada um no seu canto.

A: Então Veriana, quando falamos em seu nome imediatamente o nome do NUCEPEC aparece, conta um pouco de como foi a criação e sua participação nele.

V: Conheço NUCEPEC desde o início. Em 1984 a Ângela Pinheiro abriu uma sala na FEBEMCE com o intuito de reunir livros e material para estudar a questão de infância e adolescência. Ela já era engajada nesse tema e a conheci porque trabalhava na mesma instituição na época. Com o passar de pouco tempo o núcleo foi praticamente expulso de lá, com a justificativa de que precisavam desocupar a sala para colocar uma central de telefone. Então a Angela acabou por trazer os materiais para a UFC. Quando passei a fazer parte do corpo docente da UFC, em 1992, a primeira coisa que fiz foi justamente me engajar no NUCEPEC, que conhecia anteriormente. Na época que entrei no NUCEPEC estavam na etapa de análise de uma pesquisa sobre prostituição infanto-juvenil. As pesquisadoras haviam aplicado questionários com adolescentes que eram exploradas sexualmente, então me interessei em trabalhar nas análises estatísticas do questionário, mas não tínhamos SPSS, nem nada para fazer os cálculos. A estatística descritiva era produzida manualmente, com auxílio de calculadoras. Participei dessa análise que gerou uma publicação (Colaço, 1994). Foi a partir dela que comecei meu engajamento.

A: Você também experienciou uma grande transição nas perspectivas políticas, que interferiram ou fortaleceram pesquisas e intervenção nesse campo. Como você avalia essas transformações desde o período de iniciação na pesquisa e do campo com o NUCEPEC e o momento que vivemos agora?

V: Penso que a gente avançou muito. O campo da pesquisa científica caminhou e avançou bastante, exatamente com a apropriação da pesquisa qualitativa, a pesquisa COM as pessoas e não SOBRE as pessoas. A mudança para uma relação mais horizontal entre pesquisador e pesquisado. Tivemos nos últimos anos incentivos e financiamentos para o fortalecimento de pesquisas nesse sentido. No meu percurso sempre trabalhei muito mais nesse campo qualitativo, nunca fiz pesquisa quantitativa, com exceção da experiência do “Casadinho”. Infelizmente vivemos atualmente um retrocesso enorme que vai deixar um legado de difícil superação. É possível fazer pesquisa com recurso próprio, mas não é a mesma coisa, você precisa de recursos para a efetivação de pesquisas. As restrições de financiamento trarão consequências realmente muito danosas para todas as áreas, principalmente áreas de humanas. Temos presenciado um retrocesso muito grande, não sei como medir as consequências, mas com certeza serão muito fortes. Mas, ao mesmo tempo, acredito que resistiremos. Os movimentos populares estão fazendo alguma coisa, estão se mobilizando pela questão do jovem da Periferia, os coletivos juvenis resistem e mostram, tentam mostrar o outro lado desses bairros que não são apenas o retrato da violência televisada.

A: Em 2018 você recebeu homenagem do Conselho Federal de Psicologia. Como foi isso para você?

V: Foi uma surpresa. Realmente foi uma surpresa. Não gosto muito dessas coisas, não gosto de ficar divulgando as coisas, sou muito tímida dessa coisa de aparecer. Mas a Virgínia Kastrup me convenceu a ir para o evento, pois ela também iria ser homenageada. No final achei muito bom ter ido, especialmente porque as homenagens foram representativas da pluralidade que o CFP tinha na época, foram 56 homenageados. Foi muito importante porque colocaram uma diversidade enorme: negro, índio, descendente de índio, uma psicóloga filha de índio, psicóloga toda tatuada que faz funk etc., procuraram realmente trazer psicólogas e psicólogos que tinham um determinado percurso de luta política em suas atuações. Foi bem bonito. Homenagearam pessoas engajadas, então achei muito importante. Foi um momento de mostrar uma Psicologia bem plural. Uma Psicologia mais próxima da população, mais social mesmo.

L: Ao contar um pouco sobre a homenagem dos 56 anos da Psicologia no Brasil você destacou a existência de uma Psicologia plural. Fale sobre como você pensa ser o futuro da Psicologia no Brasil?

V: Eu digo que a gente resiste, apesar dos pesares. Embora estejamos vivendo nessa atual conjuntura política e social, percebo a existência de uma resistência e eu penso que a Psicologia como ciência e como profissão se tornou muito plural. É possível hoje pensar em uma Psicologia para todos, não só para elite, como foi inicialmente formulada enquanto profissão e como ciência. Acredito que a própria interface com outras áreas, a interdisciplinaridade, também ajudará a Psicologia a seguir um caminho mais amplo e crítico. Então, eu acho que a gente tem muita coisa ainda por fazer, temos muita coisa pela frente, pois a vida e a sociedade estão em permanente mudança. Penso que viveremos momentos de crise, que algumas coisas podem até retroceder, claro, mas acredito que a resistência avançará sempre. Vygotsky ensinou que a crise é revolucionária, ela leva sempre a uma mudança, sempre possibilita a construção de alguma coisa diferente.

Referências

Freitag, B. *Sociedade e Consciência*. (1986). São Paulo: Cortez.

Carraher, T. N ; Carraher, D; Schliemann, A.L. (1991). *Na Vida dez na Escola Zero*. 5. ed. São Paulo: Cortez.

Colaço, V.F.R. (1994). O perfil da menina envolvida com a prostituição em Fortaleza. In. Núcleo cearense de estudos e pesquisas sobre a criança (orgs), *Infância e Adolescência em discussão*. (Cap. 10, p.p. 109-132). Fortaleza: UFC-CBIA.

Colaço, V.F.R. e Cordeiro, A.C.F. (2013). *Adolescência e Juventude Conhecer para Proteger*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Colaço, V.F.R.; Germano, I.M.P.; Miranda, L.L; Barros, J.P.P. (2019). *Juventudes em movimento: Experiências, redes e afetos*. Fortaleza, Expressão Gráfica.

Sibilia, P. (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.